

A Fresta

Recebido em 25-04-2016
Aceito para publicação em 28-01-2018

Thomaz H. S. Pereira¹

Olhar a vida alheia. Ah, como é bom! Inda mais a vida alheia do alheio da alheia. Todo mundo gosta de curiá o que não é seu. O seu já é seu, mas o dos outros é melhor do que o seu. Talvez isso reflita as construções ditatoriais como “a curiosidade matou o gato”.

Anos atrás, saí de minha cidade grande, aos vinte e um anos, e fui parar em uma pequenina cidade do interior da Bahia com intuito de estudar Psicologia. Havia mudado para uma casa, de primeiro andar, próximo à faculdade, há um dia e não podia aguardar momentos de pesquisa tão deslumbrantes.

À tardezinha, aproximava-me da janela para contemplar o por do Sol e notei que na sala havia uma fresta. Dava-me uma visão do globo. No quintal em um chuveiro de portas abertas, Filomena, imagem de Iracema, uma jovem bela mulher, a dona do imóvel, enxaguava-se. Não pude resistir. Fitei todo o momento e anotei em meus cadernos acadêmicos. As mãos deslizavam-se em seu corpo, despreocupadamente, com leveza, borbulhando-o n'água. Os olhos arregalavam-se.

Encontrá-la, conhecê-la, talvez, domá-la... Não, dominá-la... Acompanhei todos os seus pés. Entrou em casa vestida de Eva. Assim, visitei seus dias por meses.

E cada dia era uma nova surpresa.

Entretanto, a cena mudara de lugar. Filomena deixara de tomar banho ou mudara de horário. Não sei o que se passou com a deusa. Não conseguia conter a ansiedade que se prolongava por dias sem saber o que acontecera. As mãos pingavam sudorese, a voz saía entrecortada, o coração enfartava todas as vezes que o horário de conferir a fresta aproximava-se, a agonia rasgava-me as entranhas. Os dias prolongavam-se... E os barulhos que ouvia com frequência tornaram-se surdos.

¹ Professor da rede básica de Ensino Público em Feira de Santana, Bahia e Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. E-mail: professorthomaz@gmail.com

Chamei alguns amigos para juntos elaborarmos um projeto de pesquisa lá em casa. O título eu já possuía: “O caso Filomena”. Todos apoiaram a ideia. Afinal concorreríamos a bolsas de pesquisa e apresentações de comunicações etc e tal. Os meninos ficaram alvoroçados e as meninas cautelosas escondiam. Monitoramos durante todo aquele dia. As anotações iam se avolumando nas conversas. Veio outro dia, depois outro e outro, outro... De novo. A conclusão já parecia mais do que certa. Tivemos baixas, duas pessoas do grupo abandonaram a proposta, alegando algum tipo de insatisfação que não entendi muito bem, e outro, problemas de ordem sentimental. Mas nós três permanecemos de prontidão, atentos a todo e qualquer movimento que pudesse contribuir para nossa bela projeção acadêmica.

Na madrugada da dispersão, vigilante, fui à fresta e me surpreendi com uma pessoa de média altura, vestindo um terno grafite escuro, cabelos negros, pele morena, barrigudo, uma corrente no pulso e um anel reluzente em uma das mãos. Registramos.

Amanheceu, fomos à universidade cumprir as obrigações. Os professores gesticulavam, balbuciavam termos e expressões de Freud e Jung, mas sequer ouvi acerca das atividades que deveríamos fazer para o próximo encontro. Não conseguia pensar noutra coisa a não ser em meu achado, em minha pesquisa. Ah, minha pesquisa!

Ordenei que meus colegas se dirigissem à minha casa, pois eles tinham muito trabalho a fazer. Revezamos por alguns dias a observação. Só um ou dois, porque os outros continuaram minhas ordens. Aquele orifício, detentor de todo o mundo, nos informava, mantinha-nos atualizados... Conectados com tudo o que ocorria ao nosso redor, mais do que isso, a nossa escavação havia apenas começado.

Nossos laços tornaram-se mais e mais fortes. Vivemos relações. Intensas. Meus livros de pesquisa adormeceram. Porém, aquilo não deve ser mais forte do que meu academicismo. Manter o foco custou-me algumas brigas, deserções, abstinências e martinis. Os ciúmes arruinavam meu corpo, minha mente, meu coração... minhas entranhas. Meu pulmão GRITOU! Chegou à ruptura!

Saiba que o bom pesquisador é um inventor solitário de tagarelices. Recolhi à mesa todo o material, relendo página por página, deparei-me com um rabisco sem tanta importância, mas que estava a me incomodar: quem era aquele moço, ou homem que aparecera naquela madrugada. Minhas visitas à fresta aconteciam com frequência avassaladora para tentar desvendar tal mistério.

A minha vida estava para pesquisa e a fresta era o meu método para observar minha vizinha. Ali diante dela, meus olhos descansavam, meu corpo se aprumava, dormia, relaxava,

se alimentava, tempos idos e tempos vindos. Vivemos momentos incríveis juntos. As numerosas linhas somavam-se ao cotidiano de Filó, menos daquele homem gordo que a visitava à noite e que formigava minha cabeça.

Passaram-se os anos. Eu e a fresta alinhávamos dia a dia nossas histórias às da velha vizinha, às das netas, dos netos e dos homens que lá passaram. Tricotamos anos a fio. Éramos íntimos a ponto de nos misturarmos ainda mais, de não nos desgrudarmos nunca mais. Somos um par único. Que diferença poderia haver entre nós? Nela estou, nela sou.